

TRADIÇÃO, HONRA, DISCIPLINA E EXCELÊNCIA¹

Álida Isabel Dal Vesco²
Silvana Alba Scortegagna³

Este texto pretende trabalhar questões da educação com enfoque na teoria e sistematização do ensino que, na prática, se apresentam no filme *Sociedade dos poetas mortos*. Após a descrição do roteiro do filme, pretende-se analisar os enfoques históricos, filosóficos, sociológicos, psicológicos mais representativos da evolução do pensamento educacional na sua condição político-econômica. Objetiva-se, ainda, discutir sobre questões como elementos teórico-metodológicos, currículo, concepção de aula, relação professor-aluno, para uma melhor compreensão crítica da prática pedagógica.

A obra literária *Sociedade dos poetas mortos* (*Dead poets society*) foi publicada em setembro de 1989 nos Estados Unidos. Como obra cinematográfica, foi dirigida por Peter Weir e estrelada por Robin Williams, que recebeu o Oscar de melhor roteiro original e ganhou o Nastro D'Argento na Itália.

O roteiro do filme provocou, em todos os países um forte impacto nas relações entre pais e filhos e entre professores e alunos ao abordar uma concepção de aula que corresponde à educação tradicional, retratando os cem anos de uma forte tradição autoritária (1859/1959). A educação

¹ Um ponto de vista pedagógico sobre o filme *Sociedade dos poetas mortos*.

² Mestranda em Educação no curso de mestrado em Educação da Universidade de Passo Fundo.

³ Professora do Departamento de Psicologia na Universidade de Passo Fundo; mestranda em Educação no curso de mestrado em Educação da UPF.

tradicional é bem caracterizada já nas cenas iniciais. A manutenção do poder econômico, político, social e educacional pelos que detêm o conhecimento é extremamente defendida e valorizada.

Num processo de continuidade e ruptura do conhecimento, aparece um novo método de ensino pelo qual o professor desperta em seus alunos uma nova forma de vida: *Carpe diem*. É uma concepção que busca resgatar a essência do ser humano como ser pensante, sujeito de si mesmo. Nesse paradigma, os conteúdos não valem por si mesmos, mas ganham relevância quando referidos à prática social mais ampla.

No transcorrer deste estudo, examinaremos a evolução do pensamento pedagógico e suas implicações para a sistematização do ensino. Vejamos, pois, como ocorre esse processo no desenvolvimento do filme.

As cenas iniciais retratam um cerimonial para o ingresso de alunos na Academia Welton, quando são erguidos vários estandartes, entre eles, o da "tradição".

Desde 1859, a Academia Welton era considerada a melhor escola preparatória para a universidade dos Estados Unidos, cujos ensinamentos se consolidam de geração em geração. No primeiro ano, formaram-se cinco estudantes, no último foram 51. O sr. Nolan é o diretor e, juntamente com os acadêmicos, durante a cerimônia, expõe os quatro princípios básicos da instituição: *tradição, honra, disciplina, excelência*. Anuncia também que, em razão de o professor de inglês ter se aposentado, os alunos terão um novo professor: John Keating. Esse professor havia se formado na Academia Welton e, por vários anos, le-

cionara na escola Chester de Londres. No encerramento da solenidade, pais e alunos cumprimentam o sr. Nolan, relembram os tempos em que seus outros filhos lá estiveram, especialmente os pais de Todd e Neil. Depois, despedem-se dos filhos.

Aparecem cenas da escola e, numa delas, Neil Perry e Todd Anderson, companheiros de quarto. Os alunos ingressam em seus aposentos, fazem apresentações e pretendem formar um grupo de estudo: Stephen Meeks, Todd Anderson, Charlie Dalton, Knox Overstreet e Neil. Meeks é ótimo em latim. Cameron quer participar: sua especialidade é bajular. Todd Anderson quase não fala, é irmão de Jeffrey Anderson, orador da turma "Aluno de Mérito Nacional." Todos relembram os quatro princípios básicos: *tramóia, horror, decadência, excremento*. Bem-vindo ao *Infernoton*.

Estão todos no quarto quando a porta se abre; é o pai de Neil que entra e pede ao filho que largue o anuário da escola por ter atividades extracurriculares demais. Neil tenta argumentar, mas seu pai, asperamente, fala-lhe que está lá para se formar em medicina e que até lá não deve contestá-lo. Diz, ainda, que isso significa muito para sua mãe e vai embora. Os amigos perguntam a Neil: "Por que ele não deixa você fazer o que quer?" Estimulam Neil a enfrentá-lo, e ele responde: "Como vocês enfrentam os seus pais?", e acrescenta que largará o anuário. Um colega diz que são todos idiotas, referindo-se aos pais, querendo impressionar Nolan.

A paisagem é bonita, os pássaros voam em bando, os sinos tocam.

Os alunos vão ao laboratório. Repetem em voz alta palavras em latim *Agrico-*

lam, Agricola... Estudam trigonometria. Precisam entregar vários trabalhos e relatórios.

O sr. Keating entra em aula assobiando, circula pela sala, chama os alunos para irem à sala ao lado; eles estranham, mas acabam acompanhando-o. Exclama: "Oh! capitão, meu capitão!" Pergunta se sabem de que obra é. Ninguém responde. Segue, então, dizendo: "É de um poema de Walt Whitman sobre A. Lincon". Diz que podem chamá-lo de sr. Keating ou, se mais ousados, "Oh! capitão, meu capitão!" Pede a Pitts que leia a primeira estrofe do poema "As virgens" para aproveitarem o tempo. Todos riem.

*Colham enquanto podem seus
botões de rosa.*

A velhice vem voando.

E esta flor hoje viçosa.

Amanhã estará murchando.

O professor repete as primeiras estrofes do poema e conclui com a expressão *carpe diem*. Meeks a traduz: "Aproveitem o dia." O sr. Keating segue expondo que um dia todos morreremos. Observa os retratos expostos na parede e faz comparativos entre eles e os alunos presentes, entre a sua jovialidade e a dos da fotografia, que agora são adubo para flores. Pede-lhes que escutem bem o que ele tem a lhes dizer e sussurra: *carpe diem*, "aproveitem o dia, rapazes; tornem suas vidas extraordinárias."

Os alunos comentam sobre a aula: "foi estranho", "diferente", "assustador." Encontram-se no banho e combinam estudar juntos.

Knox Overstreet vai jantar com a família Danburrys e se encanta com Chris Noel. Ao voltar para o internato, conta aos amigos que o jantar foi péssimo porque

conhecera a garota mais bonita de sua vida - Chris -, nas que está praticamente noiva de Chet, "um gorila", o que, para ele, é uma tragédia.

Na aula, o sr. Keating pede para Perry ler sobre "Entendendo a poesia", do sr. J.E. Pritchard, PhD. Quando termina, diz: "Excremento", é o que pensa do autor. Solicita aos alunos que arranquem toda a introdução; os alunos relutam, parecem não entender, mas encorajam-se e o fazem. "Não é Bíblia", diz, "não irão para o inferno." Nesse momento, outro professor interrompe a aula, mas sai em seguida, desculpando-se. Continua o sr. Keating: "Vocês aprenderão a pensar por si próprios, aprenderão a saborear palavras e linguagens, o que quer que lhes digam... palavras e idéias podem mudar o mundo." Faz suposições do que um e outro podem pensar, assinala que são diferentes. Pede aos alunos que se aproximem, abaixa-se entre eles e diz: "Não se lê e escreve poesia por ser bonitinha... mas, sim, porque somos membros da raça humana." Acrescenta que é a paixão que nos mantém vivos e questiona através de um verso: "O que há de bom na vida? Que você está aqui e que existe vida e identidade... que o poderoso jogo continua e você pode contribuir com um verso."

No refeitório, depois da oração, o sr. Keating conversa com outro professor e esclarece que não quer tornar seus alunos artistas, apenas "livres-pensadores". O professor questiona esse objetivo lembrando que os alunos têm apenas 17 anos. O sr. Keating assinala o teor irônico da observação e recebe como resposta não ter nenhum valor cínico, e, sim, realista. Terminam através de versos: "Mostre-me o coração livre de sonhos tolos e lhe mostra-

rei um homem feliz”, ao que responde o sr. Keating: “Só nos sonhos ser livre o homem poderá, sempre foi assim e assim sempre será”, de sua autoria.

Os estudantes descobrem o anuário do sr. Keating, em que aparece como membro da Sociedade dos Poetas Mortos. Perguntam-lhe do que se trata, e ele diz que a administração atual não aprovaria. Explica: um grupo de rapazes se reunia na caverna indígena à noite, onde liam poemas de Thoreau, Whitman, Shelley e até seus próprios poemas. “Os poetas mortos se dedicavam a sugar a essência da vida. Eram românticos, não uma fraternidade grega. Não apenas liamos poesia, ela fluía como mel. Espíritos se elevavam, mulheres desmaiavam... Deuses eram criados.”

Neil convida os outros a irem à caverna. Eles relutam, mas depois acabam concordando; estudam o trajeto do percurso em aula. À noite, saem em direção à caverna levando o livro de reuniões da Sociedade dos Poetas Mortos. Neil faz a abertura tradicional da reunião lendo Thoreau:

*Fui à floresta porque queria
viver profundamente e sugar
a essência da vida!
Eliminar tudo o que não era
vida. E não, ao morrer,
Descobrir que não vivi.*

Contam histórias, poemas, lêem o livro.

Sobre o amor, Charlie Dalton lê Abraham Cowley: “Ensina-me o amor”.

Neil lê Alfred Lord Tennyson:

*Venham amigos
Não é tarde para procurar um
mundo mais novo
Minha meta é navegar além do*

pôr-do-sol

*Embora não tenhamos a força
que antigamente movia o céu
e terra*

*O que nós somos, nós somos.
Uma boa índole e corações he-
róicos*

*Enfraquecidos pelo tempo mas
fortes na vontade... de lutar,
procurar, achar, e não ceder.*

Cantam poesias, tocam tambor, dançam em círculos como índios, saem da caverna, voltam ao internato.

Na aula do professor Keating, a questão é: “Com que propósito se desenvolveu a linguagem?” Anderson nada responde e é indagado sobre se é um homem ou uma ameba. Neil responde: “Comunicar”. “Não!” responde o professor, “cantar mulheres”. Todos riem. Falam de Shakespeare como alguém interessante; o professor interpreta de forma criativa vários personagens famosos e os poemas de Shakespeare. Todos riem. O sr. Keating sobe sobre a mesa, para lembrar que sempre podem ver as coisas de modo diferente. Convida os alunos a subirem também.

*Quando pensam que sabem
algo, olhem de outra maneira.
Mesmo que pareça tolo ou er-
rado, devem tentar.
Não considerem só o que o
autor pensa.*

*Considerem o que vocês pen-
sam.*

*Tentem achar sua própria voz.
Quanto mais demorarem para
começar... mais improvável
será que achem.*

Dizia Thoreau: “A maioria dos homens vive em silêncio desespero. Não se resignem, libertem-se.”

Todos os alunos sobem à mesa. Ao sair, o professor Keating solicita, além dos ensaios, um poema de cada um.

A paisagem é bonita, os alunos remam, esgrimam, dançam músicas da época, divertem-se.

De volta aos aposentos, Neil entra eufórico e conta a Anderson que vai tentar o papel principal na peça *O sonho de uma noite de verão*. Quer ser ator, independentemente da vontade e concordância de seu pai. Anderson o questiona, e Neil entristece, perguntando-lhe de que lado o amigo está e se não pode curtir a idéia pelo menos por algum tempo. Depois, Neil arranca das mãos de Anderson um papel contendo um esboço de um poema. Correm pelo quarto, sobem pelas camas, fazem brincadeiras, tocam instrumentos, gritam.

Knox sai de bicicleta, há um belo cenário e uma bonita melodia. Vê Chris com seu namorado ensaiando na banda, dançando; fica chateado.

No campo de futebol do internato, ao som de uma música, o sr. Keating distribui pequenos folhetos contendo pensamentos aos alunos. Eles lêem em voz alta ao chutarem a bola. Entre esses, está: "Vivo para ser um regente da vida, não um escravo".

Neil consegue o papel principal na peça. Está eufórico. Vai interpretar Puck. Necessita de uma carta de autorização do pai para o sr. Nolan. Escreve-a e assina.

Anderson exercita em voz alta no quarto o seu poema. Parece não gostar.

Em aula, Knox lê o poema "À Chris", que aborda o tema do amor. O professor Keating chama Anderson a sair de sua "penúria", estimula-o, instiga-o, diz que há algo dentro dele que vale muito. Escreve

no quadro: "Eu emito... meu bárbaro grito... sobre os telhados do mundo."

Convida Anderson a gritar, e o faz gritar alto. "Como homem e não como rato".

Anderson produz um poema e emociona a todos. O professor Keating pede que ele não se esqueça disso.

Jogam futebol; a música ao fundo é orquestrada; divertem-se. Levantam o sr. Keating sobre os ombros.

Encontram-se na caverna e tentam fumar cachimbo. Charles Dalton toca uma bonita melodia - de sua autoria - no saxofone. Todos aplaudem. Knox diz ter que fazer algo quanto à Chris e voltam ao internato para ligar para ela. Pelo telefone, Chris convida Knox para uma festa na casa de seu namorado. Knox festeja, seus amigos estranham, e ele responde que o importante "...é que ela pensou em mim".

No pátio, o sr. Keating convida os alunos para andarem, circularem em marcha; ele os fica observando. Ao mesmo tempo, pronuncia em voz alta com todos: "Não sei, mas ouvi dizer que fazer poesia é ter poder". O sr. Nolan os observa pela janela. Segue o professor Keating interpretando o modo de andar de cada um e diz que todos começam com seu próprio passo. "O sr. Pitts, calmamente, sabia que chegaria lá. O sr. Cameron pensou: 'está certo'? Talvez esteja ou talvez não. O sr. Overstreet, conduzido por uma força mais primitiva..." É um exercício que mostra os perigos da conformidade, a dificuldade de manter as próprias crenças diante dos outros. Diz que todos precisam de aceitação, mas que suas crenças são únicas, mesmo que outros as achem estranhas ou medíocres. Termina dizendo que cada um deve achar seu pró-

prio passo, o seu próprio jeito, a sua própria direção. “Senhores, o pátio é de vocês!”

É noite. Neil encontra Anderson, que está visivelmente chateado. É seu aniversário e seus pais lhe deram um presente igual ao do ano passado - um conjunto de escritório. Neil diz que talvez tenham achado que precisava de outro. Todd responde: “Vai ver nem pensaram em nada.” Neil acha que pode estar subestimando o valor do presente e faz uma analogia com objetos aerodinâmicos, sugerindo que ele queira voar. Anderson joga com satisfação o presente abaixo. Divertem-se. Neil, comicamente, refere ao amigo que não se preocupe, pois, no próximo ano, receberá novamente como presente outro conjunto igual.

Encontram-se na caverna. Charles Dalton leva duas garotas, compõe poemas e anuncia que de agora em diante será “Nuwanda”.

Knox vai à festa de Chris. Acaba bebendo uísque e fica alterado. À sua volta, há vários casais que se beijam. Olha para Chris, *carpe diem*. Beija Chris, acaba apanhando de Chet, seu namorado.

Na caverna, as meninas perguntam se eles não sentem falta de mulheres. Respondem que sim. Então, Charles Dalton conta que publicou um artigo na revista da escola em nome da Sociedade dos Poetas Mortos, pedindo que admittissem garotas na escola Welton para não se masturbarem mais. Conseguiu isso porque é revisor dos textos e inseriu o artigo em nome de Nuwanda. Todos contestam, ficam assustados e inquietos. Isso pode trazer encrência.

O conselho da escola faz uma reunião com todos os alunos a fim de encontrar o responsável pelo artigo “profano, não au-

torizado”. Na ocasião, Charles Dalton faz uma piada publicamente e é descoberto. É conduzido à sala do sr. Nolan para ser punido. Conta em voz alta enquanto apanha com um instrumento de madeira. Não é expulso, mas deve entregar todos os membros da Sociedade dos Poetas Mortos e pedir desculpas para ser perdoado.

O sr. Keating é alertado pelo sr. Nolan sobre a utilização de métodos heterodoxos. Durante a conversa, surgem falas como:

Sr. Keating: “Educar é ensinar a pensar sozinho”.

Sr. Nolan: “De jeito nenhum! Tradição, John... Disciplina... Deve prepará-los para a faculdade que o resto virá por si.”

O sr. Keating conversa com Charles Dalton e o grupo. Diz ter agido estupidamente. Ele o questiona sobre o *carpe diem* e o sugar a essência da vida. Recebe como resposta que sugar a essência não significa cometer erros. “Tem hora certa para ousadia e para cautela. O homem sábio entende isso. Ser expulso não é ousado, é estúpido.”

Neil frequenta o teatro.

Ao retornar à escola, encontra seu pai nos aposentos. Com austeridade, seu pai o repreende. Neil tenta explicar, diz só ter conceito “A”, mas não é ouvido. Seu pai exige que saia da peça, diz ter feito muitos sacrifícios para colocá-lo naquela escola e que ele não irá desapontá-lo. Neil concorda.

Neil procura o sr. Keating e explica-lhe a situação. Diz que seu pai planeja sua vida, mas nunca lhe pergunta o que ele quer. O professor o aconselha a falar sobre os seus sentimentos pelo teatro com seu pai, mostrar-se como é, “que não é um criado”.

Knox procura Chris na escola; ela tenta se afastar dele, mas ele a segue até a sala de aula, entrega-lhe flores e soletra um poema publicamente. Ao voltar para a escola, seus colegas lhe perguntam o que ela disse, e ele responde: "Nada, mas eu li."

O sr. Keating encontra Neil e pergunta-lhe sobre a conversa com seu pai. Sem jeito, Neil responde que seu pai não gostou muito da idéia, mas vai deixá-lo representar.

Na noite da estréia da peça, Chris vai até o internato procurar Knox. Os dois vão junto ao teatro.

Neil percebe a presença de seu pai na platéia. Segue representando na peça até o final. É muito aplaudido e elogiado. Ambos, pai e filho, saem juntos do teatro, e Neil é levado à casa dos pais.

Em casa, seu pai anuncia sua saída da Escola Welton para o colégio militar. "Vai cursar a Harvard e ser médico", diz o pai. Neil olha para a mãe, que nada diz, e comenta: "São mais dez anos. É uma vida." O pai lhe responde: "Não seja dramático! Parece que vai para a cadeia! Não entende. Eu nem sonhava ter tais oportunidades... e você não vai perdê-las!" Neil levanta-se e diz que precisa lhe dizer o que sente. Seu pai se enfurece, a mãe se levanta, e ele se aquieta. Vão todos se deitar. O pai alinha seus chinelos lado a lado ao deitar. Neil, em seu quarto, coloca a coroa que usou no teatro, desce as escadas e suicida-se com uma arma de fogo no escritório do pai. Ele o encontra.

Na escola, todos recebem a notícia. Os amigos de Neil caminham pela neve e Todd, seu companheiro de quarto, corre aos prantos, grita. Para ele, "o pai de Neil é culpado."

Na sala de aula, sozinho, o sr. Keating encontra na classe de Neil "Cinco séculos de verso" e lê:

*Fui à floresta porque queria
viver profundamente e sugar
a essência da vida!*

*Eliminar tudo o que não era
vida...*

*E não, ao morrer, descobrir
que não vivi.*

Chora.

É realizada a cerimônia religiosa. O sr. Nolan refere a morte trágica de Neil e diz que, a pedido da família, irá investigar profundamente o caso. Espera a colaboração de todos.

O grupo se reúne e Nuwanda acusa Cameron de traição; acha que ele contará tudo para o sr. Nolan. "Eles precisam de um bode expiatório, pois acontecimentos assim podem fechar uma escola". Cameron entra na sala e responsabiliza o sr. Keating, o Capitão, pela morte de Neil, dizendo: "Ele que se ferre... Não podem salvar o sr. Keating, mas podem salvar suas vidas". Nuwanda dá um murro no rosto de Cameron e acaba sendo expulso da escola.

A direção da escola e os pais dos alunos fazem um documento responsabilizando o professor Keating pelos acontecimentos: a criação do clube Sociedade dos Poetas Mortos e a morte de Neil. Os alunos: Richard Cameron, Gerard Pitts, Stephen Meeks Jr., Knox Overstreet e Todd Anderson são obrigados a assiná-lo.

Pela janela, o sr. Keating acena amistosamente despedindo-se de seu amigo e colega professor que caminha pela neve, soletrando palavras em latim com os demais educadores.

Em sala de aula, o sr. Nolan, que substitui o sr. Keating, pede aos alunos que abram o livro no texto de Pritchard. Eles esclarecem que não estudaram o realismo e que todos arrancaram essa parte. O sr. Nolan empresta o seu próprio livro, e um aluno inicia a leitura. Enquanto isso, o sr. Keating entra em sala para buscar seus pertences. Anderson levanta-se e conta-lhe que foram obrigados a assinar o documento. É ameaçado pelo sr. Nolan de ser expulso. Pouco a pouco, os alunos vão se levantando, sobem sobre suas classes, um a um, e chamam: "Oh! capitão, meu capitão!" O sr. Nolan, enfurecido, ordena-lhes que se sentem, mas não é atendido. O sr. Keating agradece.

Com essa descrição dos pontos centrais do filme, retratamos a seguir como entendemos as questões educacionais manifestadas pelo enredo.

O cenário inicial do filme retrata todo um contexto nacional conservador, autoritário e opressivo. A bandeira "Tradição" é erguida. Há momentos de rememorações familiares e educacionais, e a inexistência de mudanças é motivo de orgulho e de exemplo a ser seguido. A Escola Welton é considerada a melhor escola preparatória para o caminho das universidades. Os seus quatro princípios básicos - tradição, honra, disciplina e excelência - denotam sua identidade pedagógica. O regime de internato escolar também é produto da época vigente.

A educação, em cada fase da evolução histórica, é sempre, segundo Vieira Pinto (1984), um produto cultural da sociedade; reflete os interesses daqueles que têm a direção da comunidade. "O tipo de homem que cada espécie de educação visa

formar é variável com a respectiva constituição social. (...) o tipo de homem que cada sociedade deseja formar é aquele que serve para desenvolver ao máximo as potencialidades econômicas e culturais dessa forma social"(p.77).

Conforme Kenski, na sociedade tradicional, a escola era o *locus* privilegiado do saber; o professor era a principal fonte de onde emanava todo o conhecimento que as novas gerações precisavam adquirir para viver bem socialmente. A escola era a instituição responsável pela transmissão da memória social e cultural; o conhecimento era centralizado na pessoa do professor, considerado como um "capital" profissional. Esse capital de saberes do mestre aos seus discípulos dava-se em um processo de comunicação vertical e unidirecional, ou seja, o professor fala e os alunos escutam. A transmissão era basicamente oral, e o que interessava era a reprodução fiel do texto. "A escola tradicional, principal templo do saber, era o lugar do silêncio e da rígida disciplina. Nada de conversa, nada de troca, a não ser no espaço limitado do recreio..."(1997:141).

Os alunos reproduziam o saber repetindo em voz alta palavras em latim *agricolam, agricola*. Em Torres (1994), a repetição equivale a dizer que não há espaço genuíno para a expressão e a discussão, para o intercâmbio. A reprodução do conhecimento aparece como verdade absoluta sem refletir sobre o seu significado, fragmentando teoria e prática. Os educandos recebem ensinamentos desprovidos de interesse quanto à sua utilização. Na sala de aula tradicional, o professor passa o conteúdo de maneira textual e linear; é um elemento autoritário e incontestável.

Esse pensar pedagógico toma o educando como ignorante, desconsiderando a prática social do homem; supõe o aluno como um mero objeto da educação, não reconhecendo a dignidade de sujeito, de consciência autônoma; a educação é entendida como uma simples transferência de conhecimentos. Espera-se, diz Giroux, “que professores e alunos sejam consumidores passivos, ou transmissores de conhecimento, ao invés de negociadores do mundo nos quais trabalham e agem. Entranhada nessas relações pedagógicas, está uma série de mensagens do currículo oculto, que em seu corpo de conhecimentos e relações sociais não examinados concretiza e legitima a impotência humana” (1986, p. 235).

Segundo Saviani (1995), na pedagogia tradicional, as iniciativas cabiam somente ao professor razoavelmente preparado; as escolas eram organizadas em forma de classes, e nas quais o professor explanava as lições e os alunos seguiam os exercícios de forma atenta e disciplinada. O papel da escola era difundir a instrução, transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade e, logicamente, sistematizá-los. Essa concepção é observada quando os alunos repetem palavras em latim e desenvolvem seus estudos e trabalhos regidos pela submissão, alienação e obediência aos pedidos dos professores, ficando, dessa forma, privados de sua essência, num mundo repetitivo e inautêntico que os despersonaliza.

Vieira Pinto define esse estado num sentido histórico e social:

... a alienação se refere ao estado do indivíduo, ou da comunidade, que não retira de si mesma, de seus fundamen-

tos objetivos, os motivos, os determinantes (as matrizes) com que constitui sua consciência, e sim os recebe passivamente de fora, de outros indivíduos ou comunidades (para os quais são válidos), e se comporta de acordo com esses motivos e determinantes como se fossem seus. Neste sentido é que o indivíduo ou a comunidade perdem sua essência. (...) perdem por isso a condição, a dignidade antropológica, existencial, de sujeitos de si, tornando-se objetos de outro (1984, p. 52).

Para Torres (1994), no modelo pedagógico correspondente à educação tradicional, há a reprodução num círculo vicioso, de transmissão/acumulação de conhecimentos. Na concepção tradicional, a organização do currículo visa somente à lógica interna das disciplinas; não se responde a importantes necessidades e interesses do aluno em termos socioculturais, econômicos e participativos.

Uma concepção ampla de currículo encontramos em Torres:

... conteúdos e objetivos, assim como métodos e critérios de avaliação, não se limitando à instrução, abrangendo as relações de aprendizagens sociais... incluindo: as informações e os conhecimentos prévios que tanto os alunos como os professores possuem e aqueles que são construídos ao longo do processo educativo pela interação entre uns e outros; os conteúdos dos planos e programas de estudo assim como os demais materiais curricula-

res e dos trabalhos de aula; os procedimentos utilizados para ensinar e aprender; a organização do espaço ocupado; o clima gerado; e o conhecimento construído resultante da interação entre todos esses elementos (1994, p. 14-15).

De acordo com Sacristán (1995), o conceito de *currículo* tem acepções que cobrem realidades diferenciadas que se projetam em formas de analisar e entender a prática, a partir das quais se dá sentido às estratégias e políticas para modificar a realidade. Assim, currículo não é uma declaração de áreas e temas, mas a soma de todo tipo de aprendizagens e de ausências que os alunos adquirem como resultado da escolarização.

Em Saviani (1995), um conceito abrangente de currículo envolve organização do conjunto das atividades nucleares distribuídas no espaço e tempo escolares, ou seja, uma escola funcionando, desempenhando a função que lhe é própria.

Já, para McLaren (1997), o currículo representa “a introdução a uma forma particular de vida; ele serve, em parte, para preparar os estudantes para posições dominantes ou subordinadas na sociedade existente”. Assim, na perspectiva dos teóricos críticos da educação, o currículo é muito mais que um programa de estudos, que um texto utilizado em sala de aula ou que a linguagem de um curso.

A Academia Welton é considerada a melhor escola preparatória para a universidade dos Estados Unidos, cujos ensinamentos se consolidam de geração em geração. O conhecimento é fixo, imutável, sua forma e pressupostos normativos são universalizados. Esse contexto retrata, no

filme, uma concepção de currículo tradicional, restrito às questões das disciplinas, ao professor como detentor do saber e à aula concebida como reprodutora de conteúdos programáticos preestabelecidos.

Com a chegada do sr. Keating, ocorre uma ruptura no modelo vigente. Suas atitudes revelam uma postura mais crítica, possibilitando aos alunos questionamentos, criações, discernimentos, com o objetivo de reassegurar novas concepções do saber. Nesse sentido, aparece a questão da educação, que ultrapassa as paredes de uma sala de aula convencional. Os alunos aprendem a refletir no pátio; são inquiridos, estimulados a ter seus próprios posicionamentos, suas próprias idéias. Aliado a esse movimento de crescimento e descoberta, surgem as reuniões dos estudantes na caverna. No filme, a caverna representa um lugar fecundo onde cada um dos que pertencem à Sociedade dos Poetas Mortos desenvolve sua criatividade, buscando atingir autonomia e maturidade.

Perguntamos: em que resultaria esse processo dinâmico indagativo? Para Pimenta (1996), por meio da investigação, entendida como aplicação imediata do conhecimento, o homem transforma a educação, que, por sua vez, transforma o homem e o processo de investigação. A educação é móvel, é prática social histórica que se transforma pela ação dos homens em relação. O objetivo da prática investigativa é a produção de saberes. Como prática social humana, a educação é um fenômeno móvel, inacabado, histórico, que não pode ser compreendido na sua integridade, mas dialeticamente, isto é, ela é transformada pelo sujeito, que, por sua vez também se transforma por ela na sua prática social.

É uma ciência prática que tem por objeto de pesquisa a educação como prática social histórica. O objetivo final dessa prática social é a humanização dos homens.

A ciência da educação, de acordo com Simon citado por McLaren, refere-se à integração na prática de certos planos e conteúdos do currículo, técnicas e estratégias de sala de aula e avaliação, propósitos e métodos. Esses aspectos da prática educacional estão juntos na realidade das salas de aula e organizam uma visão de como o trabalho de um educador, num contexto institucional, especifica uma versão particular de que conhecimento é de maior relevância: "...o que significa saber algo, e como nós podemos construir representações de nós mesmos, dos outros, e de nosso ambiente físico e social. Em outras palavras, falar sobre pedagogia é falar simultaneamente sobre os detalhes do que os estudantes e outros podem fazer juntos e sobre a política cultural que tais práticas apóiam. Nesta perspectiva, não podemos falar sobre práticas de ensino sem falar sobre política" (1997, p. 193).

Na perspectiva da didática escolar crítica, de acordo com Rays,

... a aula é um momento de encontro e de ruptura entre o cotidiano do aluno e o contexto social concreto, entre tudo aquilo que o aluno já conhece e tudo aquilo que ele ainda não conhece e que pode provocar seu crescimento e seu entendimento do mundo em que vive. É, por assim dizer, a busca de caminhos novos para a superação dos caminhos vigentes, apesar do atual processo de escolarização apresentar limites

quanto as possibilidades de formação completa do ser humano (1998, p.3).

A aula assim preconizada cumpre sua verdadeira função na questão educativa, superando uma concepção de ensino reprodutivo e passando a ser um processo relacional entre o político, o pedagógico, o científico e o sociocultural. Esse processo comporta uma análise historicizada do conhecimento sistematizado, relacionando o pólo teórico, o pensamento e o pólo prático, a realidade concreta. "A aula, na acepção crítica é um momento de reelaboração e apropriação do conhecimento científico que envolve dialeticamente professor-aluno" (Rays, 1998).

De acordo com Pimenta (1996), as situações de ensino que tradicionalmente constituem preocupação da didática são aquelas que se processam em sala de aula nas escolas. Tomando esse local como especial para as atividades de ensino, é importante considerá-lo nas suas múltiplas determinações. Assim, a aula ultrapassa os limites de uma sala, com determinantes que a superam, bem como é determinada pelo que está fora dela, nela atuando as experiências de cada participante. A aula é, pois, um pequeno universo no qual estão presentes as ambigüidades sociais. Ela não é uma verdade que pode ser apreendida em si e generalizável para outras. Temos que considerar a situação de ensino em sua dialeticidade.

No desmonte da sociedade tradicional, o professor Keating faz comparativos entre o antigo e o atual, ressaltando o aspecto do tempo que, quando apenas se repete, torna-se empobrecedor. Diz: "Vocês aprenderão a pensar por si próprios,

aprenderão a saborear palavras e linguagens, o que quer que lhes digam... palavras e idéias podem mudar o mundo". Esclarece que quer tornar os alunos "livres-pensadores", para que eles possam sugar a essência da vida.

Conforme Torres, a educação escolar deve possibilitar o ensino das capacidades e habilidades cognitivas, tais como raciocínio, auto-aprendizagem, pensamento autônomo e crítico; a percepção e resolução de problemas; a criatividade; a metacognição; o aprender a pensar, a aprender, a estudar, a ensinar, a recuperar o conhecimento e o aprender a aplicar o que foi aprendido. "Uma revolução profunda das práticas intra-escolares precisa de apoio e de estímulo, a partir de uma nova compreensão social da linguagem e de seus usos, e da comunicação humana no sentido amplo" (1994, p. 78).

Em McLaren (1997), os professores, para os teóricos educacionais críticos, devem entender o papel que a escolarização representa ao unir conhecimento e poder; usar sua função no desenvolvimento de pessoas críticas e ativas, priorizando os aspectos sociais, políticos, culturais e econômicos para melhor compreenderem a tarefa da escolarização contemporânea; superar definitivamente a visão tradicional da instrução de sala de aula e do aprendizado como um processo neutro.

O filme, nesse sentido, retrata a preocupação do professor Keating em atingir seus alunos adolescentes; utiliza linguagem clara e relativa para a problemática de indefinição desse período; é poético e incentivador do pensamento imaginativo no sentido da atividade criativa propulsora de crescimento.

Propor atividades pedagógicas para estimular a imaginação é responsabilidade de toda educação escolar que objetiva ampliar as experiências de sua clientela com ações relacionadas ao ambiente sócio cultural dos educandos. No processo de elaboração dessas atividades de ensino-aprendizagem o retrato sociocultural, o desenvolvimento já alcançado pelo educando e suas potencialidades são, também, elementos definidores para a intervenção pedagógico-crítica (Rays, 1998, p. 51-52).

Em síntese, a tarefa fundamental do educador num processo interacional é de criar possibilidades concretas que estimulem, no educando, questionamentos, criações e apropriação do conhecimento. Essa relação de ensino-aprendizagem deve promover o surgimento de atitudes críticas, de significado sobre o mundo social, político e educacional. Assim, a educação escolar deve contribuir no desenvolvimento das capacidades e habilidades cognitivas, como um pensamento autônomo e crítico, uma percepção para resolução de problemas, colocando em prática o que foi aprendido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GIROUX, H. *Teoria crítica e resistência em educação*. Petrópolis, Vozes, 1986.
- KENSKY, V.M. O ensino e os recursos didáticos em uma sociedade cheia de tecnologias. In: VEIGA, I.A.P. (Org.) *Didática: o ensino e suas relações*. 2.ed.Campinas:Papirus, 1997.

- LIBÂNEO, J.C. Pedagogia e modernidade: presente e futuro da escola. In: GUIRALDELLI, P. Jr. (Org.). *Infância, escola e modernidade*. São Paulo: Cortez, Curitiba: UFPR, 1997.
- McLAREN, P. *A vida nas escolas*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- PIMENTA, S.G. Panorama atual da didática no quadro das ciências da educação: educação, pedagogia e didática. In: PIMENTA, S.G. *Pedagogia, ciência da educação?* São Paulo: Cortez, 1996.
- RAYS, O. A. Acepção e função da aula no mundo contemporâneo. In: MARCON, T. (Org.). *Coletânea de textos sobre educação e ensino*. No prelo. Ediupf, 1998.
- _____. Psicologia histórico-cultural e didática escolar crítica. *Espaço Pedagógico*, Passo Fundo, v.5,n.1,1998.
- SACRISTÁN, J.G. Currículo e diversidade cultural. In: SILVA, T.T. e MOREIRA, A.F. (Orgs.). *Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais*. Petrópolis: Vozes,1995.
- SAVIANI, D. *A pedagogia histórico-crítica*. 5. ed. Campinas, Autores Associados, 1995.
- _____. *A escola e democracia*. 30. ed. Campinas, Autores Associados, 1995.
- TORRES, R.M. *Que (e como) é necessário aprender?* Campinas, Papirus, 1994.
- VIEIRA PINTO, A. *Sete lições sobre educação de adultos*. São Paulo: Cortez, 1984.